



Existe uma pergunta que, à primeira vista, pode parecer estranha, mas que possui uma enorme importância histórica e teológica:

### **Onde se encontram as relíquias do corpo da Virgem Maria?**

A Igreja conserva e venera as relíquias de inúmeros santos. Venera ossos, crânios, corpos incorruptos, cinzas, vestes e outros objetos relacionados com aqueles que entregaram a sua vida a Cristo. Desde os primeiros séculos, os cristãos manifestaram uma profunda reverência pelos restos corporais dos mártires e dos santos.

E, no entanto, quando nos voltamos precisamente para a pessoa mais venerada depois de Cristo, encontramos algo surpreendente: **não existe uma tradição universalmente reconhecida de relíquias corporais da Virgem Maria.**

E isso é particularmente significativo.

Maria era a Mãe de Deus. Estava intimamente unida ao mistério da Encarnação. Permaneceu profundamente ligada a Cristo durante a sua vida terrena, esteve junto da Cruz e acompanhou a Igreja nascente. Se uma comunidade cristã tivesse possuído o seu corpo, seria razoável esperar que esse corpo tivesse sido objeto de uma veneração extraordinária desde os primeiros tempos.

Mas isso não aconteceu.

A ausência de relíquias corporais de Maria constitui um daqueles detalhes históricos que, quando corretamente compreendidos, assumem uma importância profunda para a doutrina da Assunção.

Não se trata de uma «prova arqueológica» no sentido moderno do termo. Também não podemos afirmar honestamente que a ausência de relíquias, por si só, demonstre matematicamente o dogma. A fé católica não se fundamenta em argumentos arqueológicos isolados.

Mas podemos afirmar algo muito mais interessante: **a ausência histórica do corpo de Maria está extraordinariamente de acordo com a antiga convicção cristã de que a Mãe de Deus foi glorificada em corpo e alma.**

E é aqui que começa uma história fascinante.



## 1. A Igreja não trata o corpo de Maria como trataria o corpo de qualquer outro santo

Para compreender a importância desta questão, devemos primeiro recordar o que significa uma relíquia.

Para o cristianismo, o corpo humano não é simplesmente um invólucro que envolve a pessoa. O ser humano é uma unidade de corpo e alma. Por isso, a Igreja venera os restos dos santos: porque esses corpos participaram da vida da graça, foram templos do Espírito Santo e também aguardam a ressurreição no fim dos tempos.

São Paulo escreve:

«*Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo?*»  
**(1 Coríntios 6,19)**

A doutrina cristã sobre o corpo é, portanto, radicalmente diferente de qualquer concepção materialista ou puramente espiritual.

O corpo importa.

O corpo ressuscitará.

A salvação cristã não consiste na fuga definitiva da alma da matéria. O destino último do homem é a ressurreição da carne.

É por isso que as relíquias dos santos têm sentido.

E precisamente por essa razão é tão surpreendente que **não exista uma relíquia corporal de Maria universalmente reconhecida.**

A pergunta torna-se inevitável:

**Se Maria morreu e o seu corpo permaneceu na terra, por que razão não encontramos uma tradição semelhante a respeito dos seus restos mortais?**

Esta pergunta, por si só, não demonstra a Assunção, mas abre uma janela



extraordinariamente interessante para a tradição cristã.

## 2. O silêncio dos primeiros séculos

Aqui devemos ser rigorosos.

Não podemos afirmar que os cristãos dos primeiros e segundos séculos nos tenham deixado uma doutrina explícita e plenamente desenvolvida sobre a Assunção exatamente nos termos em que seria definida em 1950.

Na realidade, a investigação histórica reconhece um silêncio significativo nas fontes cristãs mais antigas acerca do fim da vida terrena de Maria. Os primeiros quatro séculos são particularmente pobres em testemunhos explícitos sobre a sua morte e glorificação. As tradições narrativas relativas à Dormição tornam-se mais claras nos séculos posteriores.

Isto deve ser reconhecido sem receio.

A fé católica não precisa de fingir que todos os detalhes do dogma aparecem já plenamente desenvolvidos nos documentos do primeiro século.

A Revelação cristã não funciona dessa maneira.

Existe uma diferença entre **o depósito da fé**, a compreensão progressiva desse depósito e a posterior formulação dogmática.

Uma semente pode já estar presente antes de a árvore atingir a sua plena altura.

E foi precisamente isso que aconteceu com numerosos aspetos da doutrina cristã.

A Trindade, a divindade de Cristo, a maternidade divina de Maria e a relação entre graça e natureza foram expressas progressivamente com maior precisão à medida que a Igreja enfrentava controvérsias, heresias e novas questões.

Uma definição posterior não significa necessariamente uma invenção posterior.

Pode significar uma **formulação posterior e precisa de uma fé antiga**.



### 3. A curiosa ausência de um corpo

Chegamos aqui a um dos detalhes mais interessantes.

Existem antigas tradições que situam o fim da vida terrena de Maria em Jerusalém, enquanto outras tradições posteriores associaram Maria a Éfeso. Existem também lugares tradicionalmente relacionados com o seu túmulo.

Mas encontramos uma diferença fundamental em relação aos outros santos:

**não existe uma tradição universalmente reconhecida que conserve o corpo de Maria como relíquia corporal.**

Algumas fontes católicas destacaram precisamente esta peculiaridade: existem tradições relativas ao seu túmulo, mas não existe uma tradição universal comparável acerca da posse e veneração dos seus restos corporais.

Isto é particularmente significativo se considerarmos a importância das relíquias no cristianismo antigo.

Os cristãos não tinham uma atitude de desprezo pelos corpos dos santos.

Pelo contrário.

Os mártires eram sepultados com honra. Os seus túmulos tornavam-se lugares de peregrinação. A Eucaristia era celebrada sobre os seus túmulos. Os seus restos eram solenemente trasladados. As relíquias tornavam-se sinais visíveis da comunhão entre a Igreja peregrina na terra e a Igreja triunfante.

Por que razão, então, Maria representa uma exceção tão extraordinária?

A resposta tradicional do cristianismo é precisamente esta: **o seu corpo não permaneceu na terra para se tornar uma relíquia.**

### 4. Jerusalém e o misterioso túmulo vazio

Uma das tradições mais conhecidas aparece séculos depois nos sermões de São João Damasceno.



Segundo uma tradição transmitida por ele, Juvenal, bispo de Jerusalém, teria explicado, no contexto do Concílio de Calcedónia, em 451, que o imperador Marciano e a imperatriz Pulquéria desejavam possuir o corpo da Mãe de Deus.

A resposta é significativa: o túmulo de Maria tinha sido encontrado vazio.

A tradição relacionava este facto com a conclusão dos Apóstolos de que o seu corpo tinha sido elevado ao céu. Esta narrativa é transmitida por São João Damasceno, um dos grandes testemunhos patrísticos da Dormição.

Mais uma vez, devemos distinguir entre história e tradição.

Não podemos transformar esta narrativa posterior num registo contemporâneo do primeiro século sobre aquilo que realmente aconteceu.

Mas podemos fazer uma pergunta:

**Por que razão uma tradição cristã posterior considerou precisamente a ausência do corpo de Maria como algo coerente com a sua glorificação corporal?**

Porque a lógica interna dessa tradição é muito clara.

Cristo não teria deixado na terra o corpo da sua Mãe simplesmente como uma relíquia.

A Mãe estava associada de maneira única à vitória do Filho.

## 5. A Dormição: uma tradição oriental profundamente enraizada

No Oriente, a festa que tradicionalmente chamamos Assunção é conhecida como **Dormição da Mãe de Deus**.

O termo «Dormição» é extraordinariamente belo.

Não nega necessariamente a realidade da morte. Expressa antes uma conceção cristã da morte como passagem para a vida.

A morte já não tem a última palavra.



Por isso, as representações tradicionais da Dormição mostram Maria repousando, enquanto Cristo aparece segurando nos braços a sua alma.

A liturgia oriental desenvolveu em torno deste mistério uma espiritualidade extraordinariamente rica.

E aqui encontramos um ponto fundamental: **as tradições oriental e ocidental convergem na convicção de que Maria participa de maneira única na glória de Cristo.**

A fé na Assunção corporal de Maria consolidou-se tanto nas Igrejas orientais como nas ocidentais entre os séculos VII e VIII, embora as tradições narrativas sobre a Dormição sejam anteriores.

Seria, portanto, um erro imaginar que a Assunção foi simplesmente uma ideia inventada por um papa em 1950.

O Papa Pio XII não «criou» a Assunção.

Definiu-a solenemente como dogma depois de um longo processo que incluiu receção, reflexão teológica, liturgia, tradição patrística e consulta do episcopado mundial.

## 6. São João Damasceno e uma extraordinária lógica teológica

São João Damasceno oferece também uma reflexão que merece ser meditada.

O seu argumento não é arqueológico.

É teológico.

Se Maria era a Mãe de Deus; se levou no seu seio o Verbo encarnado; se permaneceu intimamente associada ao mistério de Cristo; se foi preservada do pecado original segundo a doutrina da Imaculada Conceição, então é profundamente conveniente que o seu corpo não tenha ficado sujeito à corrupção ordinária do túmulo.

São João Damasceno desenvolve precisamente esta lógica da conveniência.

O seu pensamento seria posteriormente retomado por Pio XII na preparação doutrinal da definição dogmática.



A ideia pode ser resumida assim:

**Aquela que deu a sua própria carne ao Salvador não deveria ser definitivamente entregue à corrupção.**

Não porque Maria fosse uma deusa.

Não porque possuísse um poder próprio.

Não porque fosse igual a Cristo.

Mas precisamente porque **todo o privilégio de Maria vem de Cristo e está ordenado para Cristo.**

A Assunção não diminui Jesus.

Glorifica-o.

## 7. «Uma mulher vestida de sol»

A Sagrada Escritura não contém uma frase que diga literalmente: «Maria foi elevada corporalmente ao céu».

E seria intelectualmente desonesto afirmar o contrário.

A Igreja, contudo, sempre leu a Sagrada Escritura no seu conjunto, iluminada pela Tradição.

Um texto particularmente significativo é Apocalipse 12:

«Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher revestida de sol,  
com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre  
a cabeça.»

A interpretação deste capítulo é complexa e possui uma dimensão eclesial: a mulher representa o Povo de Deus, Israel e a Igreja e, na tradição católica, é aplicada de maneira privilegiada também a Maria.



Não estamos diante de uma fotografia histórica da Assunção.

Estamos diante de uma imagem bíblica que a tradição cristã relacionou com a glorificação de Maria.

Pio XII sublinhou expressamente que os teólogos tinham visto na mulher do Apocalipse uma imagem compatível com o mistério da glorificação da Virgem.

E existe outro texto fundamental:

«*Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito da parte do Senhor.*»  
(**Lucas 1,45**)

Toda a vida de Maria é uma vida de fé.

A Assunção aparece como o cumprimento desta existência inteiramente entregue a Deus.

## 8. O dogma de 1950: não uma invenção, mas uma definição

Em 1 de novembro de 1950, na solenidade de Todos os Santos, o Papa Pio XII promulgou a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* e definiu solenemente:

«*A Imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi elevada em corpo e alma à glória celeste.*»

Esta é a definição dogmática.

E contém um detalhe importante.

Pio XII não definiu explicitamente se Maria morreu antes de ser elevada ao céu ou se foi glorificada sem experimentar a morte. A expressão «terminado o curso da vida terrestre» deixa esta questão em aberto.



A Igreja exige, portanto, a fé na **Assunção corporal**, mas não obriga os católicos a resolver todos os detalhes históricos acerca da maneira exata como ela aconteceu.

Isto demonstra uma notável prudência doutrinal.

## 9. A ausência de relíquias não é uma prova isolada

Aqui devemos parar para evitar uma afirmação exagerada.

Dizer: «Não existem relíquias, portanto a Assunção está arqueologicamente demonstrada» seria incorreto.

A ausência de uma prova não constitui automaticamente uma prova positiva.

Mas existe algo diferente:

**quando a ausência do corpo coincide com uma antiga tradição de glorificação corporal, essa ausência torna-se um facto historicamente significativo.**

A pergunta não é:

«Temos uma relíquia?»

A pergunta é:

«Por que razão, numa cultura cristã profundamente marcada pela veneração das relíquias, não se desenvolveu uma tradição universal de veneração do corpo de Maria?»

E a resposta tradicional da Igreja é coerente:

**porque o corpo de Maria não permaneceu na terra.**

Não devemos transformar isto num argumento simplista.

Mas também não devemos ignorar a sua força histórica e espiritual.

## 10. A Assunção não é um privilégio isolado

Talvez este seja o ponto teológico mais importante.



A Assunção não é uma espécie de «recompensa especial» desligada do restante da fé.

Está intimamente relacionada com quatro grandes verdades cristãs:

**Cristo.**

**A Imaculada Conceição.**

**A dignidade do corpo humano.**

**A ressurreição da carne.**

Cristo ressuscitou verdadeiramente.

Não se tratou simplesmente de uma aparição espiritual.

O túmulo estava vazio.

O corpo glorificado de Cristo é uma parte essencial da fé cristã.

Maria participa antecipadamente dessa glorificação.

Por isso, Pio XII explicou que a Assunção fortalece a nossa esperança na nossa própria ressurreição.

Maria é, de certo modo, **a antecipação visível do destino final da Igreja.**

Ela contempla já aquilo que nós esperamos.

## 11. A Assunção como resposta ao materialismo do nosso tempo

Esta doutrina é surpreendentemente atual.

Vivemos numa época que oscila entre dois erros opostos.

Por um lado, existe um materialismo que reduz o ser humano à química, aos neurónios, às hormonas e aos dados biológicos.

Por outro lado, existe uma espiritualidade desencarnada que fala de «tornar-se energia», de



«libertar a alma» ou de abandonar o corpo como se este fosse um acidente irrelevante.

O cristianismo rejeita ambas as perspetivas.

O corpo é bom porque foi criado por Deus.

O corpo possui dignidade porque Cristo assumiu um corpo humano.

O corpo está destinado à ressurreição.

E Maria mostra-nos antecipadamente o destino.

Numa cultura obcecada pela aparência exterior e, ao mesmo tempo, profundamente indiferente ao destino eterno do corpo, a Assunção contém um poderoso paradoxo:

**o corpo não é um objeto para ser exibido nem um instrumento para ser consumido; é parte da pessoa destinada à glória.**

## 12. A Assunção e a dignidade da mulher

Também aqui encontramos uma dimensão profundamente bela.

Segundo a fé da Igreja, a primeira criatura humana a contemplar corporalmente a glória de Cristo é uma mulher.

Não uma rainha política.

Não uma imperatriz.

Não uma celebridade.

Uma mulher humilde de Nazaré.

A jovem que disse:

«Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.»  
(**Lucas 1,38**)



é a mulher glorificada.

Isto transforma radicalmente a conceção cristã da grandeza.

O mundo diz: grande é aquele que domina.

O Evangelho responde: grande é aquele que se entrega.

O mundo diz: importante é aquele que consegue ser visto.

Maria responde: importante é aquele que permite que Deus seja visto na sua vida.

O mundo diz: o corpo é um objeto de consumo.

A Assunção responde: o corpo está destinado à eternidade.

## 13. O que significa tudo isto para a nossa vida quotidiana?

A Assunção não é simplesmente uma doutrina que devemos aprender de memória.

Tem consequências pastorais.

Primeiro: recorda-nos que o nosso corpo possui dignidade

Não devemos desprezá-lo.

Mas também não devemos transformá-lo num ídolo.

O cristão cuida do seu corpo porque ele pertence a Deus.

Segundo: ensina-nos a viver com os olhos voltados para o céu

Maria não permaneceu na terra.

A sua história não terminou num túmulo.

A nossa história também não termina com a morte.

A morte é real, dolorosa e misteriosa, mas não é o nosso destino definitivo.



Terceiro: ajuda-nos a compreender o valor da pureza

A Assunção é profundamente incompatível com uma visão vulgar do corpo.

O corpo pode ser um templo.

Pode ser um instrumento de amor.

Pode ser oferecido a Deus.

Pode participar da santidade.

Quarto: ensina-nos a esperar

Numa sociedade dominada pela imediatividade, Maria ensina a paciência.

Deus não improvisa.

A história da salvação possui um destino.

E esse destino é glorioso.

## 14. As «relíquias ausentes» como uma catequese silenciosa

Talvez aqui encontremos a imagem mais bela de todo este mistério.

Normalmente, uma relíquia diz:

**«Eis os restos de alguém que viveu santamente.»**

Mas, no caso de Maria, o silêncio parece dizer algo diferente:

**«Não procures aqui em baixo aquilo que Deus já levou para a glória.»**

Não possuímos o corpo de Maria como possuímos as relíquias corporais de tantos santos.

Temos, pelo contrário, uma tradição que aponta para o alto.

É como se a própria ausência tivesse se tornado um sinal.



O túmulo não pode reter aquela que, por um singular privilégio de Deus, foi glorificada em corpo e alma.

Não devemos transformar isto num argumento simplista.

Mas também não devemos ignorar a sua força histórica e espiritual.

## 15. Uma mulher já glorificada e uma Igreja ainda peregrina

A Igreja contempla Maria como aquilo que a própria Igreja é chamada a tornar-se.

O Catecismo e a tradição católica apresentam a Assunção como uma antecipação do destino glorioso dos membros de Cristo.

Maria é um sinal de esperança.

Por isso, a Assunção não deveria produzir uma devoção sentimental desligada da vida cristã.

Deve conduzir à conversão.

Quando rezamos:

**«Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte»,**

pedimos precisamente àquela que já atravessou o limiar da morte e participa da glória celeste que nos acompanhe no nosso caminho.

Ela sabe para onde vamos.

Ela já chegou.

### Conclusão: um corpo que não encontramos porque a Igreja crê que está no céu

A pergunta inicial regressa agora com toda a sua força:

**Onde estão as relíquias do corpo de Maria?**



Historicamente, não possuímos uma relíquia corporal universalmente reconhecida que possa ser identificada como o seu corpo. Existem tradições relativas ao seu túmulo e aos lugares associados à sua Dormição, mas não encontramos uma tradição comparável à veneração das relíquias corporais de tantos santos.

E é precisamente aqui que encontramos um dos detalhes mais fascinantes da tradição cristã.

A Igreja não afirma a Assunção simplesmente porque «o corpo nunca foi encontrado».

Afirma-a porque reconhece nela uma verdade coerente com todo o mistério de Cristo, com a Tradição recebida, com a liturgia, com a reflexão dos Padres e com o desenvolvimento orgânico da fé.

Depois de séculos de reflexão, Pio XII definiu-a solenemente em 1950 como uma verdade divinamente revelada. A definição foi apresentada não como uma novidade, mas como o culminar de uma fé que a Igreja professou e aprofundou ao longo dos séculos.

E talvez a melhor maneira de compreendê-la seja esta:

**Maria não possui relíquias corporais porque, segundo a fé da Igreja, ela própria já é uma relíquia viva da vitória definitiva de Cristo sobre a morte.**

Nela vemos antecipado o nosso próprio destino.

Não fomos criados para a corrupção.

Não fomos criados para desaparecer.

Não fomos simplesmente criados para acumular anos e, finalmente, morrer.

Fomos criados para Deus.

Fomos criados para a ressurreição.

Fomos criados para a glória.

E Maria, a humilde Virgem de Nazaré, contempla já aquilo que esperamos receber pela misericórdia de Cristo.

Por isso, a Assunção não é uma doutrina distante.



É uma promessa.

Quando a Igreja contempla Maria glorificada em corpo e alma no céu, contempla também o futuro de todos aqueles que permanecem fiéis a Cristo.

**O túmulo não tem a última palavra.**

**A morte não tem a última palavra.**

**O pecado não tem a última palavra.**

Cristo tem a última palavra.

E Maria, elevada ao céu em corpo e alma, permanece diante de nós como testemunho vivo de que a vitória do Filho não é uma metáfora.

É uma vitória real.

Sobre o pecado.

Sobre a morte.

E, finalmente, sobre a corrupção do túmulo.